NÚMERO 10
SETEMBRO

Caderno publicado como suplemento do Jornal Económico nº. 2109, de 3 de setembro de 2021. Não pode ser vendido separadamente.

Diretor Filipe Alves
Subdiretores André Cabrita-Mendes, Leonardo Ralha e Lígia Simões
Diretor de Arte Mário Malhão

JE UNIVERSIDADES

www.jornaleconomico.pt | Boletim de informação académica

PARCERIA

IPSetúbal vai abrir escola em Sines e formar para o desenvolvimento

Investimento ronda os cinco milhões de euros e junta o Politécnico de Setúbal e a Câmara Municipal de Sines. A parceria representa um reforço na aposta da formação como fator de desenvolvimento e competitividade regional para todo o Alentejo Litoral. Será "uma escola sem muros" com fortíssima ligação às empresas e à sociedade. O Governo aprova.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Sines vai juntar-se à cidade do Sado e ao Barreiro no mapa das unidades orgânicas do Instituto Politécnico de Setúbal. A escola de ensino superior a nascer na única cidade alentejana com vista para o mar resulta de uma parceria entre este Instituto e a Câmara Municipal de Sines, representa um investimento de cinco milhões de euros e está enquadrada no Portugal 2030 e no Plano de Recuperação e Resiliência.

Objetivo? Formar técnicos qualificados em domínios importantes para o desenvolvimento de todo o Alentejo Litoral. "Não se trata de uma mera escola tradicional. Será sobretudo um *hub* de conhecimento e de inovação que terá de ser co-construído com os diferentes atores do território para responder às áreas de especialização atuais ou projetadas", afirma Pedro Dominguinhos, presidente do Politécnico de Setúbal, ao JE Universidades.

A região do Alentejo Litoral tem em curso vários investimentos industriais, além de outros anunciados para o futuro na área do turismo e da energia. A saber: o centro de dados Sines 4.0, a fábrica de indústria aeronáutica da Lauak, em Grândola, o projeto de ampliação da Repsol Polímeros e o crescimento do porto de Sines.

O propósito é que a nova escola funcione como o coração de um ecossistema de desenvolvimento que pretende envolver empresas, autarquias e instituições de solidariedade social. "O nosso objetivo é ter empresas dentro das próprias instalações da escola", salienta o presidente do Politécnico de Setúbal.

Nesse sentido, o edifício, a construir de raiz, respeitará, segundo Pedro Dominguinhos, "as mais modernas características em termos de sustentabilidade", "terá muitos espaços de colaboração e de cooperação para permitir a interação permanente entre os estudantes, os docentes, as empresas e a própria população", nomeadamente um laboratório de investigação que poderá ser utilizado quer por uns quer por outros.

O protocolo de colaboração para a instalação da escola já foi assinado e contou com o apoio expresso na presença de dois ministros: Manuel Heitor, da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior, e Ana Abrunhosa, da Coesão Territorial. O projeto consta do plano de atividade do Instituto para 2021, aprovado por unanimidade pelo Conselho Geral, sendo o próximo passo a sua apresentação e discussão, o que acontecerá entre setembro e outubro. Será depois submetido à aprovação do MCTES, esperando que até final do ano civil seja aprovada e anunciada formalmente a criação da escola.

PEDRO DOMINGUINHOS
Presidente do Instituto Politécnico de Setúbal

Trata-se da sexta unidade orgânica de ensino e de investigação do Politécnico de Setúbal e a segunda fora da cidade sadina. "Pretende ser uma escola de fileira totalmente integrada", adianta Pedro Dominguinhos. A sua oferta será abrangente e far-se-á em áreas estratégicas para a região, como a Tecnologia, Informática, Digital, Energia, Turismo e Bem-estar, Mar, Logística e Sustentabilidade.

Criada já com o objetivo de "assegurar a oferta de formação ao longo da vida", a escola contemplará os mais jovens mas também a população adulta, através de cursos desenhados "à medida", que resultem de "soluções construídas com as empresas e organizações, para responder à necessidade de novos trabalhadores especializados na região".

A expectativa é ter a primeira licenciatura em 2023/24 e arrancar as aulas nas novas instalações. O futuro está aí ao virar da esquina. ■

ÍNDICE

2 **Opinião**
João Falcão e Cunha, diretor da FEUP, defende que o papel da Engenharia no futuro é servir melhor as pessoas com ciência e tecnologia.

3 **Novo Ano Letivo**
O ensino superior está a ensaiar o regresso à normalidade, mesmo com regras e sem perder o que aprendeu no online.

4 **Entrevista**
Na perspetiva do cientista-pensador Luís Miguel Bernardo, inverter o curso da história e tentar recuperar de um atraso científico de quatro séculos passa por tornar a ciência uma prioridade nacional, criar infraestruturas científicas estáveis, investir muito e apostar no longo prazo.

6 **Investigação**
Primeira tese de doutoramento sobre o livro-objeto para a infância nasce em Portugal. Realizada na UMinho, tem como autora Diana Martins, docente no IPCA.

7 **Ciência Aplicada**
Pedro Arezes, diretor da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, é o único português a integrar o painel de avaliação da NASA.

8 **Empreendedorismo**
Politécnicos disputam final nacional do concurso Poliempreende, entre 13 e 16 de setembro, em Santarém. Criatividade, inovação e muita tecnologia nas propostas de negócio.

OPINIÃO

JOÃO FALCÃO E CUNHA
Diretor da FEUP - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Engenharia no futuro: servir melhor as pessoas com ciência e tecnologia

A Engenharia terá sempre de seguir os princípios clássicos enunciados há mais de dois mil anos pelo notável engenheiro e arquiteto romano Marcus Vitruvius Pollio: utilitas (utilidade), firmitas (firmeza) e venustas (beleza). Nos dias atuais um bem ou serviço muito desejado ou valorizado tem estas características, seja ele uma bicicleta, um telemóvel ou uma aplicação. Estas três qualidades de um projeto ou de uma obra devem orientar toda a educação e toda a prática profissional dos engenheiros. Mas não evita que seja sempre necessário ir criando novo conhecimento, o que se consegue ao investigar, e aplicá-lo criando riqueza, o que se consegue ao inovar. E nada melhor para um engenheiro do que ter disponível a melhor ciência e tecnologia, mesmo que nem sempre seja necessária a melhor ciência e tecnologia disponível.

Os engenheiros têm de trabalhar para entender muito bem as necessidades das pessoas e dos grupos de pessoas na sociedade, para projetarem e construírem bens e serviços que sejam muito bem pagos, ou seja, muito valorizados. Certamente serão mais bem pagos se criarem bens e serviços que sejam eles próprios mais desejados, e assim mais bem pagos, do que os que são feitos pelos concorrentes.

Para que os engenheiros consigam ser bem-sucedidos têm de competir entre si e trabalhar em conjunto, também com muitos outros profissionais. Os seus projetos devem ter boas qualidades técnicas. Mas isso não chega pois devem ser úteis para quem virá a dar-lhes uso. Mas isso não chega pois serão sobretudo mais valorizados se muitos os apreciarem e desejarem os resultados de tais projetos, mesmo que não usem os resultados. Assim, as qualidades técnicas devem ser adequadas ao uso. E o uso está muito dependente do gosto e da emoção que o bem ou serviço provoca.

Numa sociedade complexa será cada vez mais essencial trabalhar em equipas multidisciplinares, o que requer que o engenheiro que deseje liderar tais equipas tenha de entender quem as constitui e estar assim aberto ao conhecimento e experiência de muitas disciplinas. E como o mundo é cada vez mais global, os engenheiros têm de estar abertos ao mundo e às diversas culturas que nele coexistem e se influenciam.

Italo Calvino preparou em 1985 um conjunto de seis seminários sobre os valores que sentiu serem importantes para a literatura do milénio seguinte. Tais seminários foram publicados num livro "Seis Propostas para o Próximo Milénio" contemplando seis valores: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência.

Seria possível argumentar que a Engenharia deste futuro também pode considerar tais valores relevantes. E um bom engenheiro deve identificar os mais relevantes valores em cada caso.

Podemos pensar que a leveza resume a necessidade de sustentabilidade em tudo o que se faz no ambiente, na economia e na sociedade. A rapidez não requer explicação visto estarmos habituados a desejar que quase tudo amanhã demore menos tempo. A exatidão é de certa forma o contrário da falsidade, e por isso algo que quem tem educação científica considera essencial. Num tempo de meios de comunicação ubíquos a visibilidade é necessária para quem não quer deixar de contribuir com valor. A criação regular de novo conhecimento e o surgimento de inovações requer que aquilo que façamos tenha o elevado potencial da multiplicidade de utilizações, por adaptação, evolução ou reutilização. A consistência, tema do último seminário que Italo Calvino não chegou a concluir, corresponde a eliminar a mentira, mas igualmente importante é talvez o objetivo da harmonia global no contexto do projeto. A Engenharia envolve sempre ciência e tecnologia adequada à utilização, com emoções positivas para quem usa os resultantes bens e serviços: as pessoas. ■

NOVO ANO LETIVO

Ensino superior ensaia regresso à normalidade

Mesmo que seja necessária a observância restrita das regras gerais e exista sempre um plano B, a expectativa das universidades é que o ensino presencial seja a regra para o novo ano letivo, mas sem que se perca a aprendizagem feita no online.

António Freitas de Sousa, Jéssica Sousa e Nuno Braga
afsousa@jornaleconomico.pt

O regresso às aulas no ensino universitário está tão dependente como todas as atividades das diretivas da Direção-Geral da Saúde (DGS), mas as universidades contactadas pelo Jornal Económico dizem-se preparadas para voltarem a receber presencialmente os alunos. Não há problemas logísticos de monta e as instituições são unânimes em considerar não apenas que estão preparadas, como desejosas de receber os alunos, no pressuposto da "possibilidade de outro tipo de desenvolvimento pessoal que apenas se materializa através do convívio e da socialização", como refere Clara Raposo, presidente do ISEG Lisbon School of Economics & Managemen.

As aulas presenciais são a regra, mas a pandemia induziu a utilização do online como complemento – se não voltar a ser obrigatório – do percurso escolar. "As aulas teóricas podem continuar a ser ministradas online", disse fonte oficial da Universidade do Porto. Ou pelo menos parte, não só por implicarem menor exposição a ajuntamentos, mas também porque a docência percebeu algumas virtudes neste sistema: "Algumas cadeiras serão lecionadas em modelo *blended* (combinação de aulas presenciais e materiais online), não como resposta à Covid-19, mas como novo modelo de lecionação", diz Maria Nolasco, diretora de Student Affairs da Nova SBE.

O mesmo se passa na Católica do Porto: "Os nossos alunos podem esperar um modelo de ensino *blended*, combinando ensino presencial de excelência que tanto nos caracteriza com o ensino digital de futuro", refere Isabel Braga da Cruz, presidente do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

De qualquer modo, as universidades reservam-se elasticidade suficiente para, em qualquer altura, e uma vez dado o alarme, alterarem substancialmente o regime de abertura previsto. "Se tivermos de ser mais restritivos estamos também preparados para um plano B, com um sistema híbrido, por turnos, de acesso ao campus", diz Clara Raposo.

O mesmo se passa no Porto: "Vamos fazer rotação de estudantes. Assim, se surgir uma infeção, nem todos os estudantes ficam privados das aulas presenciais". Em Coimbra, os procedimentos são genericamente idênticos: "A Universidade de Coimbra deverá seguir um modelo de ensino presencial estando, ainda assim, preparada para adotar formatos híbridos (com recurso às plataformas digitais UC Teacher e UC Student, criadas no ano letivo passado), em situações que o justifiquem e/ou caso surjam orientações da tutela e da DGS nesse sentido", explica o reitor da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão. Mais a norte, a Universidade do Minho "adotará horários alargados, incluindo o sábado de manhã, para desconcentrar o mais possível os estudantes e a facilitar o arejamento e a higienização dos espaços destinados às atividades letivas, bem como outros espaços de uso comum, designadamente refeitórios", diz fonte oficial.

O confinamento do ano passado induziu a criação de capacidades para o ensino online que as universidades entendem ser positivo manter

Precauções obrigatórias

Além do 'descruzamento' entre alunos, todas as instituições asseguram que o uso obrigatório de máscaras e a desinfeção são obrigatórias. Mas a Universidade do Porto tem a expectativa que os protocolos que delimitam o número de alunos em presença conjunta em determinado local possa ser alterado: "A Universidade espera que esses protocolos sejam alterados" pela DGS – o que necessariamente permitirá uma distensão do próprio processo de ensino.

"Queremos criar as condições necessárias para que o ano decorra com a maior normalidade possível, em regime presencial. Se isso significar manter o uso de máscara no interior dos edifícios, mantê-lo-emos; quando a DGS nos garantir que é seguro abandonar o uso da máscara, abandoná-la-emos", diz a Universidade do Minho.

"O uso de máscara em todo o *campus*, a preparação dos espaços em consonância com os distanciamentos recomendados, a desinfeção dos espaços são regras que temos implementadas e que garantem a segurança dos nossos alunos", refere por seu turno Isabel Braga da Cruz.

As vacinas também deixarão de ser um problema. Para a Nova BSE, "a maioria da comunidade tem ambas as vacinas, ou terá muito em breve, pelo que consideramos que as atividades académicas serão mais seguras, até porque mantemos as regras do *campus* e o apoio ao aluno". No Porto, a expectativa é igual e o crescimento do número de vacinados determinará "um abrandamento dos protocolos" que será vertido na mesma proporção para a qualidade do ensino e do relacionamento dos alunos no interior da instituição.

"A vacinação deverá garantir mais segurança, menos risco de contágio. Não deixará de ser importante, porém, que todos os protocolos de higiene e segurança continuem a ser cumpridos por todos. Não podemos desleixar-nos até termos mais certezas", refere Clara Raposo, explicando que a sua instituição gastou parte do tempo em que não pôde contar com a presença dos alunos a alterar *layouts* de espaços comuns.

A conclusão parece clara: há em toda a comunidade universitária uma forte expectativa de que o ano letivo prestes a ter início (a Católica do Porto parece seguir à frente do resto do pelotão, abrindo a 6 de setembro) seja definitivamente presencial e gradualmente cada vez mais livre. ■

OPINIÃO

MARIANA SARAGOÇA
Gestora de Relações Corporativas – Careers @ Nova SBE

Oportunidades internacionais em tempos de pandemia

Numa altura em que os mercados internacionais são cada vez mais cobiçados pelos recém-formados enfrenta-se, simultaneamente, uma fase em que viajar se tornou um enorme desafio.

O mundo mudou e impôs-se uma adaptação acelerada, tanto por parte dos alunos que vão entrar no mercado de trabalho, como das empresas que procuram incorporar o melhor talento.

Nesta adaptação, é a forma como as escolas e universidades conseguem dar resposta aos novos desafios que marca a diferença na forma como os alunos conseguem ter uma maior proximidade com o mercado internacional, ao invés de um afastamento causado pela pandemia.

É crucial que sejam criadas abordagens, adequadas à impossibilidade de viajar. Neste ponto, as plataformas digitais são as melhores aliadas para uma estratégia de sucesso, uma vez que permitem a realização de atividades com um elevado nível de interatividade, proximidade e, frequentemente, com um alcance maior do que o presencial.

Trazem não só essa proximidade, como também permitem que não se perca nenhuma das oportunidades que os alunos pré-pandemia tiveram: acesso a um mundo de eventos, webinars, workshops, pesquisa de oportunidades, revisão de CV e até mesmo treinamento de competências e preparação para entrevistas. Providenciando as ferramentas necessárias para que os alunos e recém-formados estejam completamente alinhados e em contacto com o mercado atual.

O networking entre o mercado de trabalho e os alunos e recém-formados tem um papel crucial no desenvolvimento da carreira, capacitando profissionais para acrescentar valor a um mercado em constante mutação.

A promoção, por parte das escolas, de visitas de estudo virtuais a empresas internacionais, por geografia ou por indústria; a criação de sessões de networking com antigos alunos colocados no estrangeiro; ou a organização de feiras de emprego virtuais, permitem uma continuidade das oportunidades normalmente oferecidas presencialmente, mas adaptada às circunstâncias em que vivemos. Desta forma, procura-se mitigar o impacto da pandemia na experiência do aluno e corresponder às suas expectativas.

Por seu lado, as empresas que procuram afirmar a sua marca empregadora, enfrentam também o desafio de serem disruptivas e tirar o melhor partido, com todas as limitações (ou ilimitações) do mundo virtual, criando formas de captação de talento, apostando em algo nos é hoje muito familiar: o trabalho remoto.

O aumento das oportunidades deste tipo de trabalho veio também impulsionar estas sinergias e encurtar distâncias, no sentido em que as empresas conseguem incorporar talento cada vez mais diversificado e com diferentes backgrounds que trazem um valor imensuravelmente acrescido.

Digamos que se trata de um esforço mútuo e contínuo: se por um lado cabe aos alunos e recém-formados fazerem uma pesquisa ativa de oportunidades, participação em atividades online com empresas, networking contínuo, e trabalhar as suas competências; cabe também às empresas tornarem-se cada vez mais aliciantes e dinamizarem atividades diferenciadoras que marquem os seus potenciais candidatos de uma forma muito positiva. E, às escolas, cabe-lhes facilitar este processo e servir, muitas vezes, de interface do mesmo.

Fica lançado o desafio para que seja feito este trabalho conjunto! ■

ENTREVISTA LUÍS MIGUEL BERNARDO Professor aposentado da Universidade do Porto

"Sem ciência torna-se inviável a sobrevivência de uma nação"

Na perspetiva do cientista-pensador Luís Miguel Bernardo, inverter o curso da história e tentar recuperar de um atraso científico de quatro séculos passa por tornar a ciência uma prioridade nacional, criar infraestruturas científicas estáveis, investir muito e apostar no longo prazo. Os portugueses têm tantas aptidões como os outros povos, afirma.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Professor catedrático aposentado da Universidade do Porto, onde dirigiu o Museu de Ciência, Luís Miguel Bernardo é coautor de numerosos artigos científicos, de duas patentes e dos livros "Histórias da Luz e das Cores", em três volumes; "Cultura Científica em Portugal: Uma Perspectiva Histórica"; "Visão, Olhos e Crenças"; e "Luz, Vida e Saúde". Com a chancela da UMinho Editora, acaba de dar à estampa mais um: "As Causas do Atraso Científico em Portugal - Uma Digressão Histórica". Nesta entrevista de lancinante lucidez, o cientista-pensador diz que uma nação sem ciência é inviável, aponta soluções e avança a convição de que os portugueses se deixarão mobilizar em torno desse desígnio.

Como descreve a ciência que se faz em Portugal numa só frase?
Em termos de qualidade, a ciência que se faz em Portugal aproxima-se dos padrões médios europeus; em quantidade, estamos ainda em níveis bastante modestos. Em 2020 o investimento português em ciência foi de 1,6% do PIB, inferior à média europeia de 2%. No mesmo ano, a Suécia com a mesma população de Portugal investiu em ciência 4% do PIB.

Na escala de um a cinco, como a avalia comparativamente aos países mais avançados?
Nesta escala, colocaria a ciência em Portugal no nível três ...

Nos séculos XV e XVI, a ciência teve um papel determinante para que o país desse ao mundo invenções como a caravela portuguesa e o nónio. O que dita o início do ocaso?
Nesses séculos Portugal era um país cosmopolita, aberto à Europa e aos novos mundos, mas a sociedade continuava a ser dominada por velhas ideias e preconceitos sócio-religiosos. A expulsão dos judeus, que D. Manuel se viu obrigado a decretar depois de muitos deles terem sido massacrados pelo povo lisboeta em 1506, depauperou a elite social e intelectual portuguesa. Depois de ter trazido para o país um conjunto de professores, portugueses e estrangeiros, para ensinarem no Colégio das Artes em Coimbra, D. João III conseguiu obter a tão desejada autorização papal para introduzir a Inquisição em Portugal, a qual começou imediatamente a perseguir a maioria desses professores, acusados de heresia. As novidades, incluindo as novidades científicas, traziam com elas transformações e mudanças e, por isso eram combatidas. Erradamente, pareceu aos portugueses que podiam continuar o seu domínio de potência marítima e colonial sem precisarem de inovar.

O atraso português vem de quando?
Este atraso começou a verificar-se no início da decadência histórica que se seguiu ao período dos descobrimentos. Neste período áureo, o país esteve na vanguarda do conhecimento científico que, na verdade, era ainda "pré-científico," visto que a ciência moderna só surgiu no século XVII. Apesar do impulso de modernidade adquirido na época dos descobrimentos, Portugal não conseguiu, porque não quis, acompanhar sequer a nova ciência moderna.

Como é que o Estado Novo tratou a ciência?
O Estado Novo, seguindo o exemplo dos nossos vizinhos espanhóis, fez algum investimento na ciência, mas não a acarinhou nem a promoveu de forma independente e desinteressada. Basta lembrar os saneamentos políticos, realizados em 1935 e 1947, que levaram ao afastamento de muitos cientistas, professores nas universidades e nos liceus, que tiveram que emigrar ou dedicar-se a outras atividades nada condizentes com as suas capacidades intelectuais. É de referir ainda as dificuldades que o Estado Novo criou a cientistas judeus, fugindo de perseguições durante a II Guerra Mundial, a quem não foi dado o acolhimento que procuravam e que os seus colegas portugueses lhes ofereciam.

Vivemos há quase 50 anos em democracia e 30 na comunidade das nações mais avançadas. O país recebeu muitos fundos de Bruxelas para se modernizar. A ciência aplicada teve o que deveria?
Eu diria que foi devido a estes poucos fundos europeus destinados à ciência, fundamental e aplicada, que o desenvolvimento da ciência nacional começou a ter alguma expressão no contexto europeu. Perante necessidades de outra natureza, consideradas popularmente mais prioritárias, não creio que os governos tivessem tido o interesse ou a capacidade de fazer investimentos significativos com fundos nacionais nem de aumentar os fundos europeus que a ciência mereceria receber.

> "O ESTADO NOVO PODERIA TER FEITO MAIS PELA CIÊNCIA SE TIVESSE ACARINHADO OS BONS CIENTISTAS QUE DESPONTARAM NESSA ÉPOCA EM PORTUGAL, MUITOS DELES FORMADOS NO ESTRANGEIRO, MAS EM VEZ DISSO PERSEGUIU OS MAIS COMPETENTES, COM RECEIO QUE DESESTABILIZASSEM O REGIME POLÍTICO, IMPOSTO AO PAÍS PELA FORÇA

O atraso científico de Portugal face a países como a França, a Inglaterra ou Alemanha que, como diz, vem desde o século XVII, poderia ter sido alterado? Que razões fizeram com que não fosse?
Houve períodos da história nacional em que se poderia ter alterado o curso do crónico atraso científico. Mesmo antes da reforma pombalina houve, no tempo de D. João V, condições para o país poder integrar-se no movimento científico europeu. O próprio rei deu sinais de que desejava fazê-lo, mas faltou gente competente ou interessada para o acompanhar. A ignorância, a apatia e até a aversão para com a ciência faziam parte da cultura nacional. O Marquês de Pombal sentiu a mesma resistência social e só à força conseguiu impor algumas das suas ideias de modernidade. No século XIX, perdemos uma grande oportunidade quando houve entre nós muitos homens que reconheceram o valor da ciência e desejaram desenvolvê-la no país. As invasões francesas, a guerra civil entre liberais e miguelistas e a crise económica, que se lhe seguiu, frustraram tais expectativas, apesar das boas intenções de D. Pedro V e D. Luís. A República criou a esperança que as coisas poderiam mudar. Ao fundar as novas universidades de Lisboa e Porto e ao reorganizar a de Coimbra, o Estado republicano impôs aos professores universitários a obrigação de fazerem investigação científica mas os meios para a concretizar nunca foram dados às universidades. O Estado Novo, como disse anteriormente, poderia ter feito mais pela ciên-

cia se tivesse acarinhado os bons cientistas que despontaram nessa época em Portugal, muitos deles formados no estrangeiro, mas em vez disso perseguiu os mais competentes, com receio que desestabilizassem o regime político, imposto pela força.

Porque continuamos a falhar como coletivo? Qual é, afinal, o nosso grande problema?
É um lugar comum dizer-se que os portugueses, por desconfiança ou por qualquer outro motivo, não têm a capacidade de trabalhar em colaboração para um objetivo comum. Receiam que os seus esforços beneficiem quem menos merece ou menos trabalha! Penso que os portugueses não têm nenhuma relutância em trabalhar coletivamente, quando o objetivo é bem compreendido e os benefícios pessoais e coletivos estão claramente estabelecidos. Temos experiências históricas que mostram que isto é verdade. A aventura dos descobrimentos foi um projeto nacional a longo prazo bastante bem sucedido; as concretizações de projetos colectivos recentes, embora menores e de curto prazo, prestigiaram os portugueses aos olhos dos estrangeiros.

Que valor dá o povo à ciência? Entre a construção de mais uma autoestrada ou investimento na ciência, o que escolheria o português?
O povo português conhece mal não só a ciência como também os muitos e variados benefícios que a ciência pode oferecer à sociedade. Por isso, não lhe dá o valor que ela realmente merece. Em face do benefício direto trazido por uma autoestrada, o vulgo não tem dúvidas em preferi-la em vez de um navio oceanográfico devidamente equipado para fazer o estudo dos mares da nossa extensa zona marítima. Quando precisa de melhores estradas ou hospitais, o português não entende que se faça um investimento avultado numa estrutura científica que só a médio ou longo prazo poderá vir a beneficiar o sistema produtivo nacional e, indiretamente, toda a população.

Como têm as elites e os políticos, em particular, tratado a ciência?
As elites e os políticos emanam da sociedade, maioritariamente alheia à ciência, e muitas vezes a sua formação académica, por deficiências do sistema educativo, não incute neles os valores da ciência e da cultura científica. Não é invulgar ver e ouvir pessoas com responsabilidades na sociedade portuguesa manifestar opiniões claramente anticientíficas, que só favorecem causas irracionais como, por exemplo, o movimento contra a vacinação ou a negação das alterações climáticas. Os políticos não gostam de pensar a médio e longo prazo e portanto as questões do desenvolvimento científico não fazem parte das suas prioridades.

Há crescimento económico e desenvolvimento social sem ciência?
Atualmente, é descabido acreditar que possa haver desenvolvimento económico e social sem a ciência. Diria mais: sem ciência torna-se inviável a sobrevivência de uma nação. Todos os produtos da atividade humana, incluindo as artes e as humanidades, têm uma componente tecnológica de base científica. Se nos retirassem tudo o que depende da ciência, regressaríamos à Idade Média.

Durante a pandemia de um dia para o outro, o país estava a fabricar máscaras, gel e até um ventilador. É possível agarrar esse ímpeto criativo e fazer descolar a ciência?
Este exemplo só mostra que os portugueses podem trabalhar coletivamente, com engenho e criatividade, para um objetivo comum, como referi anteriormente. Temos que transformar essa capacidade, excessivamente ligada a missões de circunstância, e orientá-la para projetos de médio e longo prazo. Estou convencido que os portugueses estarão dispostos a concretizar projetos nacionais de envergadura se entenderem a sua utilidade para si próprios, como indivíduos e como coletividade.

De que armas dispõe o ministro da Ciência para fazer diminuir o atraso do sistema científico?
Desconheço as armas de que o ministro da Ciência e Tecnologia dispõe, mas poderei referir alguns objetivos que é necessário atingir na luta contra o atraso científico nacional: melhoria do ensino das ciências logo desde a escola primária; melhoria das condições de trabalho dos investigadores científicos; continuação de políticas de internacionalização da ciência nacional; aumento do investimento; maior ligação entre ciência, comércio e indústria. Estou certo de que a comunidade científica, ciente dos benefícios da ciência, está disponível para ajudar o ministro na sua missão de eliminar definitivamente o atraso científico nacional.

Na sua "digressão" pela história da ciência, quais são os factos que mais o impressionaram?
É difícil responder, exaustiva e resumidamente, a essa questão. Como exemplos, poderei referir que me impressionaram: as posições contra a ciência, expostas nos púlpitos das igrejas portuguesas, nos séculos em que o atraso científico era muito claro e evidente; a abnegação e a dedicação de muitos cientistas que, no século XIX, foram apelidados de "mártires da ciência"; o enorme esforço, embora sem sucesso, realizado por cientistas e intelectuais portugueses do século XIX para promoverem a ciência em Portugal; o saneamento de cientistas portugueses pelo Estado Novo quando era fundamental promover o desenvolvimento da ciência nacional.

No último século, que países apostaram no sistema científico para se desenvolverem?
Todos os países desenvolvidos, que designamos como países do primeiro mundo, ou em pleno desenvolvimento, apostaram na ciência. Alguns, com tradição científica antiga como, por exemplo, a França, o Reino Unido e a Alemanha, fizeram-no ainda no século XIX. O mesmo aconteceu com os Estados Unidos. Outros, como a ex-União Soviética, Japão, Coreia, Israel, Suécia, Finlândia e China, fizeram-no no século XX. Não foi necessário muitas décadas para alguns destes países atingirem o pelotão da frente na corrida da investigação científica.

Quando teve consciência do atraso científico português?
Tive o meu primeiro contacto com a ciência aplicada, quando, em 1973, realizei o meu estágio de licenciatura nos laboratórios de investigação e desenvolvimento de uma conhecida indústria holandesa. Verifiquei então que, na Holanda, muitas indústrias tinham os seus laboratórios de investigação e desenvolvimento. Nessa altura, em Portugal, falava-se na existência de um laboratório privado na CUF mas que ninguém conhecia... Ao iniciar a minha carreira como assistente universitário, comecei a fazer investigação e verifiquei que entre os autores dos artigos científicos, nas revistas internacionais, se encontravam nomes portugueses, mas, para minha surpresa, todos trabalhavam no estrangeiro. Em 1979, quando iniciei o meu programa de doutoramento nos Estados Unidos, ingressei num laboratório universitário equipado com instrumentos modernos que só conhecia dos catálogos. A visita que fiz a outras universidades e instituições americanas, mostrou-me a enorme dimensão das infraestruturas científicas nos Estados Unidos e a pequenez das instalações científicas que conhecia em Portugal.

Como professor na Universidade do Porto, onde ensinou Física, ajudou a formar várias gerações. Como vê o futuro? Portugal conseguirá algum dia eliminar este atraso?
Como investigador e professor em Portugal, tive uma experiência extremamente positiva, pois sempre encontrei jovens muito inteligentes e motivados, que me convenceram definitivamente que os portugueses têm tantas aptidões para a ciência como os outros povos. A qualidade e a produtividade científica cresceu de forma muito significativa nos últimos 30 quando as condições de trabalho começaram a melhorar e a ciência portuguesa começou a integrar-se na ciência internacional, com parcerias e colaborações. Estou otimista de que a ciência portuguesa consiga atingir níveis comparáveis aos dos países mais desenvolvidos, mas é necessário que seja encarada como prioridade nacional e sejam criadas infraestruturas científicas estáveis, o que exige muito financiamento e um empenho persistente e continuado dos nossos governantes.

Se pudesse dar um conselho aos jovens do país, o que lhes diria?
Acreditem na ciência como a forma mais fidedigna de conhecer a verdade. Procurem conhecer a ciência e o método científico, mesmo que a vossa vocação vos oriente para outras áreas do saber ou do fazer. Deixem-se guiar pela mentalidade experimental e crítica própria do espírito científico, que, como dizia António Sérgio, é o único caminho para o verdadeiro saber. Se gostarem de ciência persistam no seu estudo, porque a satisfação que ela vos dará é única e incomparável. ■

INVESTIGAÇÃO

Nasce em Portugal primeira tese sobre o livro-objeto para a infância

Diana Martins investigou mais de 300 livros-objeto em português e concluiu que a literatura para os mais novos vive uma fase dourada, afirmando-se, por vezes, como "obra de arte" entre a concorrência feroz de suportes visuais e digitais. A tese vai ser dada à estampa pelo Centro de Investigação em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho, onde foi realizada, e está disponível na Amazon a partir deste mês.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Ganhou o gosto pelos livros mesmo antes de aprender a ler e a avó Rosa foi a principal responsável, com as suas canções e lengalengas. Diana adorava cantarolar com ela. Também adorava brincar debaixo da escada enquanto ouvia as histórias contadas pelo vizinho que vinha ajudar nos trabalhos mais pesados do quintal na altura da poda da vinha. Aí ficava horas a fio.

"O meu gosto pelos livros começou primeiro pelo ouvido, pela musicalidade das palavras, que depois vim a reviver mais tarde já depois da minha avó ter falecido, em textos poéticos como 'Tudo ao Contrário', da Luísa Ducla Soares, que desde que o li nunca mais me saiu da memória", conta ao JE Universidades.

Filha única durante muito tempo, encontrou nos livros um modo especial de companhia. Na escola, a sorte brindou-a com duas professoras que faziam questão de trazer a leitura prazerosa para a sala de aula. Uma delas incentivava inclusivamente a escrita livre. "Encadernou, com papéis coloridos, ao gosto de cada aluno, uns caderninhos que ainda hoje guardo, onde íamos escrevendo os nossos poemas", lembra. Além disso, os pais, sobretudo a mãe, valorizaram sempre o papel do livro na educação. Uma prioridade, apesar do esforço monetário.

Foi assim que na companhia dos livros Diana Martins chegou à Universidade, onde se licenciou em Design de Comunicação, fez o mestrado em Ilustração e agora o doutoramente em Estudos da Criança – ramo Literatura para a Infância, no Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho. Aos 32 anos é docente Instituto Politécnico do Cávado e Ave (IPCA) onde leciona as unidades curriculares de História da Ilustração e da Animação e Cor e Perceção Visual.

A tese e suas conclusões

Na Universidade do Minho nasce, assim, a primeira tese de doutoramento sobre o livro-brinquedo no país, como corolário de uma investigação que envolveu a análise de mais de 300 livros-objeto em português e a sua comparação com a realidade internacional.

O que concluiu? "A investigação levada a cabo tornou evidente que a materialidade do livro cumpre, hoje, um importante papel narrativo, contribuindo sinergicamente para reforçar a mensagem global da obra, pensada 'a priori' como um todo, convocando, deste modo, frequentemente leitores de diferentes idades. Mas também conclui que a valorização do grafismo e a seleção cuidada do suporte são fundamentais, porque cumprem um forte poder de sedução, quando se pensa ou se objetiva o fomento de uma ligação afetiva com o livro enquanto objeto, nos primeiros anos da criança, antes mesmo da entrada na escola", diz ao JE Universidades.

DIANA MARTINS
Investigadora no Centro de Investigação em Estudos da Criança da UMinho e docente no IPCA

Há vários caminhos na leitura, mas os objetos sensoriamente sedutores ajudam na mentalidade mágica dos mais novos

Diana Martins explica que "a curiosidade, a liberdade e o prazer" são pilares essenciais no processo de formação de leitores. Também nos diz que uma parte significativa das obras potencia uma desformalização do processo tradicional de leitura. Isto — justifica — "torna o livro num objeto apetecível ao toque e à descoberta autónoma, feita ao ritmo e ao sabor da imaginação dos pré-leitores e dos leitores iniciais".

Da sua investigação resulta claro que a oferta mais comum nas variadas tipologias de livros-objeto que não param de aparecer é a categoria dos livros-puzzle ou com peças destacadas, que aborda amiúde o faz-de-conta, os afazeres das profissões e as suas ferramentas como o brincar com a vacina e o martelo. Nos livros 'mix-and-match', muito frequentes, combinam-se rostos, olhos e bocas aleatoriamente, resultando daí figuras fictícias ou absurdas, por exemplo. Esta ludicidade sucede também nos livros com sons de animais e pequenas melodias ou nos tradicionais livros poético-líricos de rimas e trava-línguas.

"Há vários caminhos na leitura mas estes objetos visuais, sensoriamente sedutores, ajudam na mentalidade mágica dos mais novos e na sua apropriação mais palpável do 'real'", salienta.

Hoje, o segredo está sobretudo na parte física do livro e no design, que apresenta "similitudes com áreas como a embalagem, o teatro, a arquitetura" e aposta em "estratégias tipicamente não livrescas mas apetecíveis para certas idades", como relevos e janelinhas que potenciam uma aproximação autónoma e descomprometida à leitura.

"Perante uma sociedade com imensa oferta cultural e os imperativos de renovação, criatividade e experiência, estes artefactos procuram ser provocadores", explica a investigadora. Acrescenta que a sobrevivência do livro para a infância em geral, como alguns estudiosos e criadores têm afirmado, "passa por ser considerado objeto de culto ou obra de arte". Aliás, o cariz comercial acentuado do produto-livro capta o adulto, que é o verdadeiro comprador e ativa no leitor uma exploração gráfica única, sustenta.

A escrita para os mais pequenos é um desafio "muito intenso", um exercício verdadeiramente exigente no qual não quer aventurar-se. Diana prefere, para já, saborear a alegria de ver a tese de doutoramento editada pela Universidade do Minho e distribuída pela Amazon, o que acontece a partir deste mês. Chegou, assim, a hora de poder folhear o seu primeiro livro como autora e deixar levar-se pelo pensamento. "Sempre vi no livro um objeto que me permitia viver outras realidades, experienciar outras sensações". ■

Como perspetiva a evolução do livro infantil?

Creio que a par da produção de edições para a infância inscritas nos padrões tradicionais, construídas em torno de tópicos como os animais ou as formas poético-líricas da tradição oral, por exemplo, entre outras, será cada vez mais frequente - tal como temos vindo a observar - a aposta na publicação de exemplares graficamente sofisticados, dotados de propriedades comuns de outros domínios artísticos, como o cinema, a arquitetura, o teatro, ou do universo do 'merchandising', criados a partir de textos ancestrais, por exemplo, originalmente situados no âmbito do património literário oral tradicional. No entanto, pelo facto de o conteúdo original ou do texto matricial surgir frequentemente resumido, simplificado e com uma dimensão tendencialmente eufemística, a formação e a sensibilização dos mediadores de leitura - pais, dos bibliotecários, dos professores -torna-se, a meu ver, fundamental. A sensibilização estética ou a educação do gosto não deve ser posta em causa à custa de uma valorização material que funciona, unicamente, como elemento de destaque e motivador da compra. Para além desta tendência, julgo que a aposta na ficcionalização de temas fraturantes, controversos (anteriormente tidos como tabu no domínio da escrita para os mais novos), a problematização de questões prementes próprias da vivência pós-moderna, irá manter-se, através de um conjunto de autores e de editoras portugueses atentos e críticos face à realidade factual e aos demais produtos culturais e de entretenimento dirigidos à infância. No caso desta última vertente, o livro acaba por auferir de uma dimensão de artefacto, funciona como um objeto artístico que, naturalmente, abrange um leque de leitores mais amplo, não exclusivamente infantil.

FIGURA EM DESTAQUE

ESPAÇO

Professor da UMinho integra painel de avaliação da NASA

Pedro Arezes, professor da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, é a prova de que com paixão pelo que se faz, dedicação e muito trabalho, é sempre possível ir mais além. Preside à Escola de Engenharia desde 2019, onde é professor catedrático de Ergonomia e Fatores Humanos, e vai integrar o painel de revisores da NASA para propostas de investigação sobre as missões humanas no espaço. Aos 48 anos de idade torna-se, assim, o único português a pertencer ao restrito grupo de seis dezenas de cientistas do mundo inteiro que têm voz em tão importante matéria. A saúde e o desempenho da tripulação são fundamentais para o sucesso da exploração humana para além da órbita da Terra.

Minhoto, natural de Barcelos, a viver na cidade berço de Guimarães há mais de 30 anos, é doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas pela Universidade do Minho, tendo também desenvolvido trabalhos de pós-doutoramento na holandesa TU Delft, e nos norte-americanos MIT e Universidade de Harvard.

Há década e meia lidera o grupo de investigação em Ergonomia & Fatores Humanos no Centro Algoritmi, onde coordenou e colaborou em mais de meia centena de projetos de Investigação e Desenvolvimento. Publica regulamente em revistas científicas internacionais indexadas, sendo autor de mais de 130 artigos. Ao longo da sua carreira académica e científica tem obtido reconhecimento e sido premiado não só em Portugal, mas também em Espanha, Brasil, Estados Unidos e Turquia. Desde 2016 é também diretor do Programa MIT-Portugal.

Recentemente esteve envolvido num trabalho conjunto com o MIT sobre o desenho de fatos espaciais em missões de longa duração, como a missão tripulada a Marte, que terá sido o passaporte para o convite que agora recebeu da NASA. ■ *AR*

SAÚDE

Formação dá origem a livro de boas práticas

Cristina Vaz de Almeida reuniu em livro os trabalhos realizados na formação em literacia da saúde que ministrou no Centro Hospitalar Póvoa de Varzim-Vila do Conde. O resultado é um e-book 'escrito' por cerca de uma dezena de profissionais de saúde deste centro hospitalar intitulado "Literacia em Saúde e Capacitação dos Profissionais - Exemplos de Boas Práticas no CHPVVC".

Na publicação, que será lançada a 7 de setembro, o leitor vai poder aprender mais sobre a "consulta de educação terapêutica, "a importância no controlo de diabates", a "preparação para o nascimento", a "visita pré-operatória de enfermagem" e a capacitação da pessoa com ostomia".

Os autores aliaram a formação adquirida, no âmbito da literacia em saúde, a práticas e procedimentos já implementados no quotidiano hosital. ■ *AR*

DOUTOR HONORIS CAUSA

Universidade de Lisboa distingue Leonor Beleza

A Universidade de Lisboa vai atribuir o grau de doutor honoris causa a Leonor Beleza numa cerimónia a realizar dia 17 de setembro.

Aos 72 anos de idade, a presidente da Fundação Champalimaud e conselheira de Estado, antiga e distinta aluna da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, onde se licenciou em 1972, recebe publicamente o reconhecimento da sua Universidade.

A sua vida foi em grande parte dedicada à política, tendo sido deputada durante várias legislaturas e inclusivamente vice-presidente da Assembleia da República. Também desempenhou um papel relevante na na política governativa ao lado do primeiro-ministro Cavaco Silva, primeiro como secretária de Estado da Presidência do Conselho de Ministros e da Segurança Social e, a seguir, como ministra da Saúde. ■ *AR*

PESSOAS

Executive MBA do ISCTE tem novo diretor
António Martins da Costa, assessor do conselho de administração executivo da EDP, é o novo diretor executivo do Executive MBA do ISCTE Executive Education e professor catedrático convidado da Business School, substituindo António Gomes Mota, que continua a lecionar na área de Finanças. Pedro Falcão mantém a co-coordenação executiva do programa. António Martins da Costa é licenciado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e profundo conhecedor do mundo da formação avançada, contando no currículo com o MBA da Porto Business School, o PADE da AESE, o AMP/Advanced Management Program da Wharton Business School e o certificado IDP/International Directors Program do INSEAD.

José Ornelas reconhecido por defesa de sem-abrigo
O professor catedrático do ISPA - IU, José Ornelas foi recentemente distinguido pela Associação Europeia de Psicologia Comunitária com o Lifetime Career Award (Prémio Carreira). A decisão deveu-se ao seu contributo para o desenvolvimento da investigação e prática na área da desinstitucionalização e saúde mental comunitária e na integração das pessoas em situação de sem-abrigo. José Ornelas lidera um projeto, desenvolvido em parceria com instituições de oito países do norte e sul da Europa, que apostou na generalização dos Programas 'Housing First' (Casas Primeiro) como estratégia de integração e empowerment das pessoas sem-abrigo.

Investigadores da UMinho premiados pela Sociedade de Filosofia
Os investigadores Roberto Merrill, Sara Bizarro, Gonçalo Marcelo e Jorge Pinto, do Centro de Ética, Política e Sociedade da Universidade do Minho, venceram o Prémio de Ensaio da Sociedade Portuguesa de Filosofia, pelo seu livro "Rendimento Básico Incondicional. Uma Defesa da Liberdade". O prémio de três mil euros foi atribuído por unanimidade, teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e analisou ensaios inéditos em língua portuguesa publicados em 2018 e 2019.

Aluno da Católica lança livro sobre Portugal
Gabriel Mateus de Albuquerque lançou aos 22 anos a sua primeira obra: "Ao Leme de Portugal-Governos e Governantes de 1974 a 2019". O aluno da Universidade Católica Portuguesa, que editou a obra, leva os leitores a compreender o trajeto percorrido pelo povo português, nos últimos 45 anos, tendo por base as biografias dos Presidentes da República e primeiros-ministros desde 1974. A obra conta com depoimentos de diversas personalidades da área política e económica.

EMPREENDEDORISMO

Politécnicos apresentam ideias inovadoras em Santarém

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Uma plataforma virtual de apoio à experiência de compra de moda online. Um projeto na área da Inteligência Artificial que visa aliar a tecnologia aos desafios da gestão de informação nos mais variados setores de atividade. Uma solução tecnológica para apoiar cuidadores formais ou informais. Estes três projetos de negócio nascidos nos politécnicos de Leiria, Setúbal e Cávado e Vale do Ave, respetivamente, têm em comum a tecnologia e vão disputar a final nacional do Poliempreende, aberta aos finalistas regionais das edições de 2020 e 2021 do concurso.

Após um ano de interregno devido à pandemia da Covid-19, as 21 instituições de ensino superior que integram a rede empreendedora mostram as suas inovações em Santarém, entre 13 e 16 de setembro.

Através de um concurso de ideias e de planos de negócios, o Poliempreende visa avaliar e premiar projetos desenvolvidos e apresentados por alunos, diplomados ou docentes do ensino superior politécnico, ou outras pessoas, desde que integrem equipas constituídas por estudantes e/ou diplomados. Objetivo? Contribuir para a criação de novas empresas de cariz inovador com implantação local e potencial de crescimento. A edição deste ano tem chancela nacional do Santander Portugal.

O Politécnico de Leiria, instituição com um histórico considerável de prémios no contexto do Poliempreende, leva à final nacional os vencedores de 2020 e 2021. O projeto deste ano envolve uma parceria entre o Politécnico de Macau e o Politécnico de Leiria e foi idealizado por Júlia Tao, licenciada em Relações Comerciais China-Países Lusófonos, e Catarina Reis e Sílvia Ferrão, docentes do IPLeiria.

"Avatarify" assenta no desenvolvimento de uma plataforma virtual 3D – 'fitting room' – que, entre outras funcionalidades, permite ao utilizador visualizar a forma como lhe assenta a roupa de uma determinada marca. Poderá também receber dicas e sugestões de 'styling' que lhe permitam tirar partido das suas características físicas, promovendo-as e aumentando a sua confiança na compra.

O Politécnico de Santarém recebe a final nacional da 17ª edição do Polieemprende. É já dias 13 e 16 deste mês e as expectativas estão ao rubro em toda a rede universitária

O IPCA estará representado em Santarém pelo projeto "SOS Caregiver". O vencedor regional é uma equipa composta por Laura Leiras Cardoso, da licenciatura em Engenharia Informática Médica, Vera Almeida, do mestrado em Gestão das Organizações, Maria Carvalho, aluna de Design Gráfico, e pelo docente da Escola Superior de Tecnologia, Joaquim Gonçalves.

Querem implementar uma solução tecnológica multifuncional que integra um conjunto de ferramentas intuitivas e inclusivas destinadas a apoiar os cuidadores formais e informais. Só no IPCA, a edição deste ano do Poliempreende mobilizou 25 equipas, das quais 16 viram as suas ideias de negócio selecionadas para a defesa final perante um júri.

Na final desta 17.ª edição do Poliempreende, que excecionalmente abarca dois anos de competição (2020 e 2021), o Politécnico de Setúbal, outra instituição com pergaminhos na matéria, apresenta dois projetos: "MenuAI", vencedor este ano, e "Increas", campeão do ano passado e que consiste numa proposta de desenvolvimento de biossensores, acoplados a uma superfície, permitindo assimilar e tratar dados variados (da postura ao stress), acessíveis através de uma plataforma. Como o nome indica, MenuAI é um projeto na área da Inteligência Artificial. Visa aliar a tecnologia aos desafios da gestão de informação nos mais variados sectores de atividade. Este projeto de negócio de João Santos e Guilherme Tavares, recebeu, à semelhança dos homónimos regionais, um prémio monetário, além de horas de consultoria antes de chegar ao Politécnico de Santarém, onde vai competir por 10 mil euros. ■

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

UBI em projeto para melhorar a qualidade da saúde

A Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior (UBI) participa num projeto de Investigação e Desenvolvimento para a otimização de percursos clínicos. Liderado pela UpHill, empresa que desenvolve software e conteúdos médicos para apoio à decisão clínica e análise da qualidade em hospitais e outras instituições de saúde, o projeto envolve também o grupo Luz Saúde. O objetivo é garantir que todos os doentes são tratados de acordo com a melhor evidência científica e, consequentemente, assegurar maior segurança e melhores resultados em saúde.

"É um projeto da máxima relevância pelo impacto que pode ter na melhoria da decisão clínica, quer para os profissionais de saúde, que melhoram a eficácia do seu desempenho, quer para os doentes que beneficiam da otimização das decisões adequadas à melhor resolução dos seus problemas de saúde", afirma Sílvia Socorro, vice-reitora para a Investigação, Inovação e Desenvolvimento da UBI.

A professora adianta também que o projeto "addPath" e a capacidade de inovação que lhe está associada "estão em linha com os mais recentes avanços a nível internacional nesta área, esperando-se assim resultados muito promissores".

O projeto recebeu recentemente um milhão de euros de incentivos à IDT +CO3SO do Portugal 2020, um conjunto de programas transversais e multissectoriais dedicados a empresas, entidades da economia social e entidades do sistema científico e tecnológico. ■

BREVES

UAveiro e JM assinam parceria para a inclusão
A Universidade de Aveiro e o Grupo Jerónimo Martins vão lançar, em parceria, o Programa Individual de Estudos Multidisciplinares, um projeto pioneiro focado na "inclusão plena de pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais no meio académico e no mercado de trabalho". O programa tem início em outubro e contempla uma dimensão académica e uma dimensão profissional, com uma formação prática em contexto de trabalho.

UAlg vai formar no âmbito do PRR
A Universidade do Algarve estabeleceu um acordo de cooperação com a Comunidade Intermunicipal do Algarve na área da formação, que visa a implementação de ações no âmbito dos objetivos estratégicos do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). A intervenção será focada nas componentes resiliência, transição climática e transição digital, nomeadamente no âmbito dos programas Impulso Jovens STEAM, destinados a aumentar a graduação superior de jovens em áreas de ciências, tecnologias, engenharias, artes e matemática, bem como do programa Impulso Adultos, que visa a atualização de competências de adultos ativos, através de formações de curta duração no ensino superior, de nível inicial e de pós-graduação, assim como a formação ao longo da vida.

ISCTE lança formação em Reporting & Compliance
A pós-graduação direcionada para a área da contabilidade Applied Online Reporting & Compliance arranca em outubro e termina em março de 2022. O Iscte Executive Education destaca os conteúdos programáticos do programa, numa altura em que as tecnologias digitais estão a introduzir mudanças significativas no papel e natureza do reporting empresarial. A coordenação está a cargo de Isabel Lourenço e Fernando Araújo.

6

Ao sexto dia do mês de setembro reúne o Conselho Geral da Universidade de Lisboa para eleger o sucessor de António Cruz Serra como reitor. Na corrida estão António Manuel Pedro Afonso, professor catedrático do ISEG, investigador principal do REM Research in Economics and Mathematics, e Luís Manuel dos Anjos Ferreira, vice-reitor da Universidade de Lisboa, desde janeiro de 2015 (substituto do reitor desde outubro de 2020). António Cruz Serra foi o primeiro reitor eleito da nova Universidade de Lisboa, após a fusão entre as duas universidades, a Clássica e a Técnica de Lisboa.